

SETEMBRO 2026

199ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA

HORA DA JUSTIÇA



**Ligação entre Moraes e Vorcaro escancara a
necessidade de atuação contundente dos ministros
dignos no STF. Leia nosso editorial**

Como a PF reconstruiu o envio
de mensagens secretas entre
Vorcaro e Moraes

A fruta asiática que se
adaptou ao Brasil e que ajuda
a combater o envelhecimento

Índice

Editorial: A hora dos ministros dignos no STF 04

Adriano Gianturco: Meloni não é conservadora; ela é da “direita social” 14

Rodrigo Constantino: Lula mente com facilidade constrangedora e finge que nunca governou 21

Como a PF reconstruiu o envio de mensagens secretas entre Vorcaro e Moraes 28

13 empresas brasileiras que derreteram na Bolsa nos últimos três anos 33

Quem é a jovem por trás da fabricação dos drones e mísseis da Ucrânia 53

A fruta asiática que se adaptou ao Brasil e que ajuda a combater o envelhecimento 67



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS
LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP ACROBAT READER

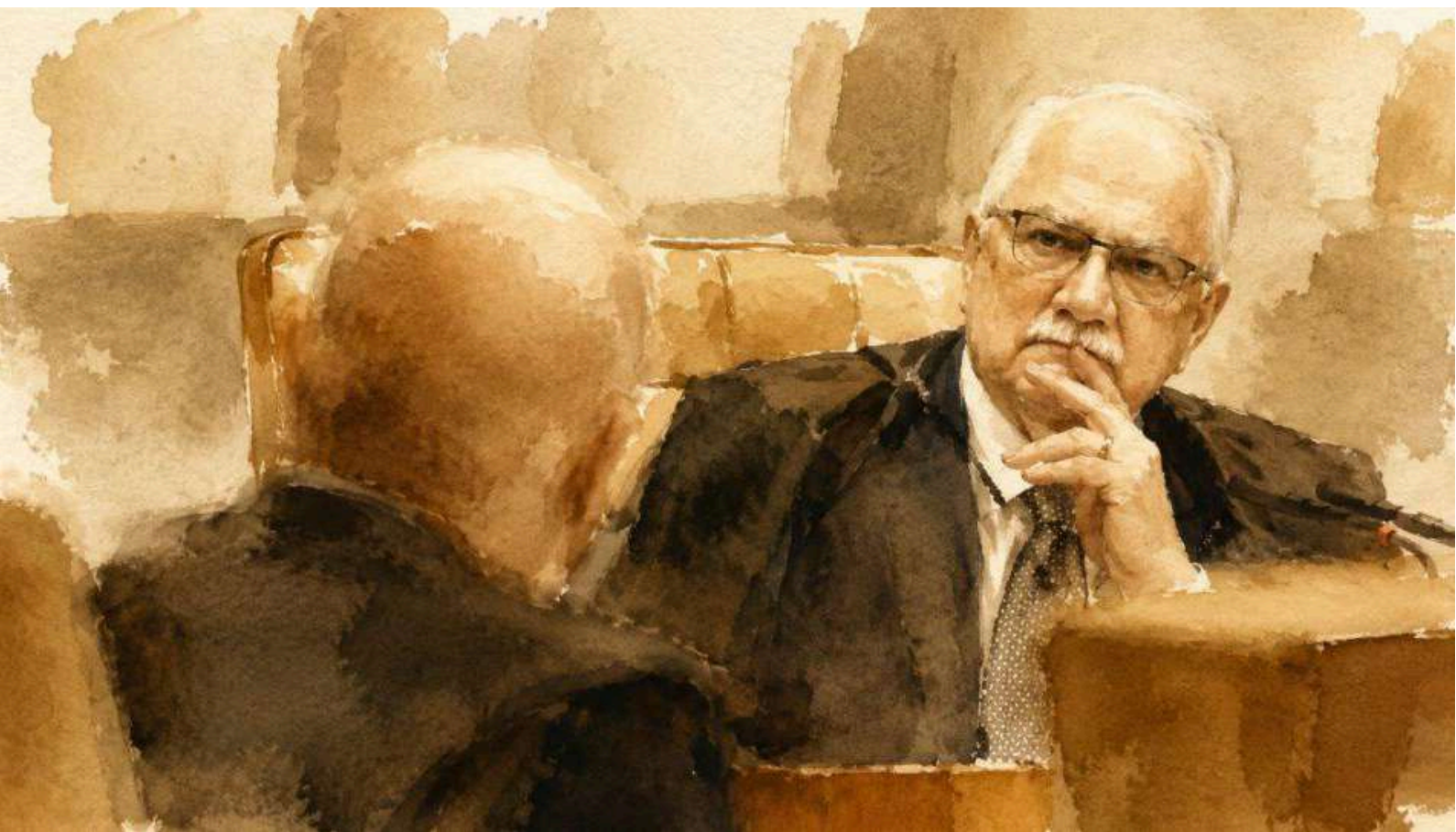


GAZETA DO POVO

CONHEÇA O SABER

Temas fundamentais não podem passar despercebidos. Acesse a homepage da Gazeta do Povo com conteúdos aprofundados e para reflexão

ACESSE AGORA!



Edson Fachin, presidente do STF, observa Alexandre de Moraes durante sessão da corte. (Foto: ChatGPT sobre foto de Alejandro Zambrana/STF)

EDITORIAL

A hora dos ministros dignos no STF

Na manhã de quarta-feira, dia seguinte ao terremoto causado pelo fim do sigilo do relatório da Polícia Federal com várias mensagens de Daniel Vorcaro a Alexandre de Moraes, o

presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Edson Fachin, afirmou que, “concluída a análise necessária dos fatos e observados os procedimentos institucionais pertinentes, esta presidência anunciará, no tempo devido e sem precipitação, as medidas cabíveis e necessárias”. Que medidas serão essas? Serão elas compatíveis com “o devido encaminhamento institucional” que os “indícios” exigem? O Brasil deve saber a resposta apenas na volta do feriado de 7 de setembro, já que Fachin deu cinco dias para que Moraes, André Mendonça, PF e PGR se manifestem; enquanto isso, os ministros tentam encontrar uma saída para o buraco no qual Moraes se colocou – e para o qual pode arrastar a corte toda.

O Supremo já passou por uma situação semelhante há pouco tempo, e escolheu a saída mais vergonhosa. Dias Toffoli vinha conduzindo o caso do Banco Master de uma forma muitíssimo estranha, a começar pela própria manobra que “puxou” o caso da primeira instância para o STF, passando por sigilos inexplicáveis e acareações sem fundamento. Enquanto isso, o país era informado da carona aérea do ministro com um advogado de um dos diretores do Master, e da negociação do resort Tayayá com a empresa familiar dos irmãos Toffoli – o ministro negou ser um dos sócios até que já não fosse possível esconder a verdade. Até que Fachin recebeu um relatório da PF com mais detalhes da ligação entre ministro e banqueiro; a situação tornara-se insustentável.



Levar o caso de Moraes ao plenário é a única escolha possível, e nisso Fachin precisa do apoio firme dos demais ministros que ainda têm alguma preocupação com o tribunal de que fazem parte

Mas a solução desmoralizou a corte. Em uma reunião a portas fechadas, decidiu-se que Toffoli deixaria a relatoria do caso (que passaria – providencialmente, hoje podemos dizer – para André Mendonça), e os ministros insultaram a inteligência do brasileiro ao publicar uma nota conjunta, assinada por todos eles, afirmando “não ser caso de cabimento para a arguição de suspeição” de Toffoli no caso Master, reconhecendo “a plena validade dos atos praticados pelo ministro Dias Toffoli na relatoria”

e expressando “apoio pessoal” a Toffoli, “respeitando a dignidade de Sua Excelência, bem como a inexistência de suspeição ou de impedimento”.

Como dissemos à época, só muita ignorância jurídica, muita hipocrisia ou muita cumplicidade explicariam essas palavras – e nenhuma das hipóteses caía bem para o Supremo. Toffoli, mesmo desqualificado para continuar na corte, acabou poupado, até porque os holofotes foram se deslocando para Moraes.

Pois agora os ministros mais alinhados com Moraes querem repetir a dose, segundo apuração da Gazeta do Povo: uma outra reunião secreta, sabe-se lá com que possível desfecho. Já Mendonça disse estar disposto à única medida

realmente aceitável nessas circunstâncias: que o plenário, em sessão pública, analise um pedido para que Moraes seja investigado.

No despacho que levantou o sigilo do relatório da PF, o ministro relator afirmou que, independentemente da posição da Procuradoria-Geral da República (que depois se manifestaria pelo arquivamento, de forma precipitada e com argumentos muito rasteiros), “o caminho inevitável dos presentes autos leva ao Plenário deste Supremo Tribunal Federal, instância soberana para analisar, de modo técnico e estritamente jurídico, os novos elementos trazidos pela autoridade policial”, e que a deliberação “deverá ocorrer de forma pública e transparente, em sessão presencial do colegiado, a partir de data a ser definida pelo

eminente presidente deste Supremo Tribunal Federal”.

Se Fachin está mesmo disposto a “preservar a integridade do Supremo Tribunal Federal, a autoridade de suas decisões, o respeito às suas normas e, acima de tudo, a confiança da sociedade na instituição”, como diz sua nota, levar o caso ao plenário é a única escolha possível, e nisso ele precisa do apoio firme dos demais ministros que ainda têm alguma preocupação com o tribunal de que fazem parte.

A “confiança da sociedade” no STF, sejamos honestos, nem está mais em condições de ser “preservada”, porque não se preserva o que já está perdido; agora, trata-se de começar a restaurá-la. E isso passa pela saída de Alexandre de Moraes:

seja voluntariamente (o que é improvável, pois ele já iniciou seu contra-ataque, pedindo a inclusão de Mendonça no inquérito das fake news), seja “convencido” pelos colegas, seja por meio de uma condenação por crime de responsabilidade (o que é missão do Senado) ou por crime comum, o que poderá ser averiguado por meio de uma investigação criteriosa e um julgamento justo, do tipo que o próprio Moraes tem negado a centenas de brasileiros.

Pouco importa que não tenhamos as mensagens de Moraes (que as programava para que fossem apagadas assim que lidas, enquanto afirmava que a cabeleireira Débora, ao apagar fotos e mensagens de seu celular, admitia assim que estava delinquindo); e, a rigor, pouco importa também que Moraes tenha ou não cometido

crimes como obstrução de Justiça, advocacia administrativa, corrupção passiva, tráfico de influência ou prevaricação. As mensagens bastam para que tenhamos um quadro que desqualifica Moraes para a posição de ministro do STF: interlocutor a quem Vorcaro recorria para pedir proteção, marido da advogada contratada a peso de ouro pelo Banco Master (em um contrato que ele ajudou a editar), presença obrigatória nas confraternizações, co-organizador de listas de convidados e palestrantes de eventos jurídicos; enfim, uma mistura de assessor, conselheiro e amigo do peito – no mínimo. Em fevereiro, os ministros escolheram a autopreservação, e colheram vergonha e descrédito. Agora, não podem imaginar que farão a mesma coisa e conseguirão algo diferente.

Se optarem mais uma vez pelo segredo e pelos acordos de bastidores, cometerão um “ataque às instituições” muito maior que tudo aquilo de que eles costumam acusar os críticos do STF. Que agora mostrem ao Brasil que ainda lhes resta alguma decência, e façam o que é certo.



[Voltar ao índice](#)



A primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, durante reunião do G7 em junho de 2026. (Foto: Yoan Valat/EFE/EPA)

OPINIÃO

Adriano Gianturco

Meloni não é conservadora; ela é da “direita social”

Frequentemente a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, é descrita como “conservadora”.

Recentemente ela concedeu uma longa entrevista ao New York Times, que a definiu como “conservadora pragmática”. Na verdade, as descrições estão incorretas; ela pertence à corrente chamada de “direita social”, que é diferente do conservadorismo – se a diferença é grande ou não, o leitor haverá de decidir por si.

A direita social nasceu como terceira via entre capitalismo e socialismo, valorizando o comunitarismo, os corpos intermediários (sindicatos, associações profissionais, ordens de categoria) e a intervenção do Estado em nome da coesão nacional. Dentro do Movimento Social Italiano (MSI), essa ala foi representada por Pino Romualdi e, depois, por Pino Rauti, em tensão constante com o setor mais burguês e atlantista do partido. Giorgio Almirante, secretário histórico do MSI e figura que Meloni elogia

publicamente como máxima referência, funcionou como síntese entre as duas alas, incorporando nacionalismo, corporativismo e apelos à socialização da economia.



A direita social nasceu como terceira via entre capitalismo e socialismo, valorizando o comunitarismo, os corpos intermediários e a intervenção do Estado em nome da coesão nacional

O teórico Giano Accame, autor do livro que batizou a própria corrente, sistematizou esse pensamento, que se opõe explicitamente ao individualismo liberal, ao socialismo e ao livre mercado. Os princípios da direita social são: Deus, pátria e família; ordem e segurança;

corporativismo; justiça social; estatismo; anti-individualismo, anti-livre mercado e anticapitalismo. Junto com esse pacote, atualmente há também uma visão mais dura sobre imigração.

Em 2023, o governo Meloni aprovou um imposto extraordinário sobre os “extra-lucros” excepcionais dos bancos (seja lá o que isso signifique), uma medida de intervenção estatal direta sobre o mercado financeiro. O governo também tem usado com frequência o instrumento do “golden power”, que permite ao Estado interferir em decisões estratégicas de empresas privadas; isso ocorreu na empresa de telecomunicações TIM, na siderúrgica Acciaierie d’Italia (ex-Ilva) e, mais recentemente, na controvérsia sobre a oferta pública de aquisição do banco BPM pela UniCredit – o que chegou a

motivar uma carta da Comissão Europeia, questionando se o decreto governamental violava as regras do mercado interno da UE.

No campo do protecionismo, o governo Meloni criou o Ministério da Agricultura e Soberania Alimentar; posicionou-se contra o acordo entre União Europeia e Mercosul (para não desagradar o setor agrícola), proibiu a produção de carne cultivada em laboratório, e tem defendido sistematicamente a marca “Made in Italy”, com barreiras simbólicas e regulatórias – uma política industrial nacionalista, distante do liberalismo e do livre comércio.

O corporativismo está comprovado pelo fato de que dois eleitorados históricos da direita italiana são os taxistas e os “clubes de praia” (stabilimenti

balneari – lidi). Não por acaso, a Itália é um dos poucos países do mundo nos quais o lobby dos taxistas conseguiu de fato inviabilizar o Uber.

É verdade que Meloni já citou Margaret Thatcher, e já declarou que, se fosse inglesa, “provavelmente seria uma Tory”. Mas, observando suas políticas concretas de governo, o que se percebe é um padrão diferente do conservadorismo anglo-saxão, que é bem menos avesso ao livre mercado e ao capitalismo, não foca no corporativismo e ainda menos na justiça social.

Não se trata de crítica, nem um elogio, mas simplesmente de uma questão descritiva doutrinária. Rotular Meloni de “conservadora” no sentido anglo-saxão é etnocentrismo britânico, é

um equívoco de tradução política. Suas medidas revelam uma primeira-ministra que herdou da direita social a desconfiança em relação ao mercado livre e a preferência por um Estado ativo na defesa da identidade nacional, da família, mas também das corporações, contra o capitalismo.



Autor: Adriano Gianturco é professor, doutor em Ciência Política, coordenador do curso de Relações Internacionais do IBMEC e autor dos livros “Mentiram para nós sobre o Brasil”, “A Ciência da Política” e “O empreendedorismo de Israel Kirzner”. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Em entrevista, Lula comentou temas como Lulinha, Lava Jato, crime organizado e dívida pública. (Foto: Andre Borges/EFE)

OPINIÃO

Rodrigo Constantino

Lula mente com facilidade constrangedora e finge que nunca governou

Para muita gente, o simples ato de escutar o presidente Lula falando já dá nos nervos. É

compreensível: o petista está na cena política há décadas, e nunca desceu do palanque. Age como se não tivesse sido presidente por três mandatos, além do governo Dilma, cuja campanha associava diretamente a ex-guerrilheira ao ex-metalúrgico, sem falar do mesmo ministro das Finanças.

Em suma, nos últimos vinte anos, o PT governou por 17, e mesmo assim Lula finge ser novidade, com promessas fantasiosas e sem qualquer reconhecimento pelos fracassos evidentes. Em linguagem mais clara, Lula mente que nem sente, e não seria diferente na entrevista para o Jornal Nacional. Ossos do ofício, tive que acompanhar, e posso resumir: Lula mentiu o tempo todo.

Logo de cara, César Tralli abriu perguntando sobre o caso Lulinha, o que colocou o presidente

na defensiva. E ali já começaram as mentiras escabrosas. Lula disse, por exemplo, que trata o filho como trata os demais 215 milhões de cidadãos, sem qualquer privilégio. Chegou a dizer que nunca tentaria afastar um delegado federal responsável pela investigação, o que, de fato, fez. Lula tentar bancar o republicano quando todos sabemos do esforço petista para enterrar a CPMI do INSS é realmente o cúmulo do cinismo.

Mas não ficaria “só” nisso, naturalmente. “Marisa morreu pelas falsas acusações da Lava Jato. Fábio tem obrigação de não ter feito nada de errado”, disse Lula, mostrando ser o sujeito mais cínico do planeta! Lula se vendeu como um injustiçado que foi condenado por perseguição política, ignorando que nove juízes e desembargadores o condenaram por corrupção passiva, em três instâncias, com “provas sobradas”. “Fui

inocentado da acusação da chacra”, mentiu Lula, que nunca foi inocentado e que era o dono de fato do sítio que tinha pedalinhos no nome dos netos, e que estava no nome de Fernando Bittar, laranja por ser “amigo” do filho Lulinha. Quando a entrevista incluiu o nome de Roberta Luchsinger, a outra “amiga” de Lulinha, Lula chegou ao ápice da cara de pau. Disse que conversas telefônicas não dizem absolutamente nada, chamou Roberta de “pilantra” e ainda soltou essa: “Malandro é igual em todo lugar do mundo”. Logo em seguida, Lula malandramente tentou mudar o assunto de Lulinha pra Master.

Sem ajuda do entrevistador, Lula perdeu a paciência e soltou a maior pérola de todas: disse que nem conhecia a Roberta, que nunca esteve com ela. Imediatamente várias pessoas nas redes sociais resgataram várias imagens dos dois

juntos, inclusive postagens em que a Roberta demonstra carinho e intimidade para com o pai de seu “amigo”. Para mentir de forma tão descarada assim o sujeito tem que ser um mentiroso profissional mesmo! “Não sou procurador nem juiz”, disse Lula para alegar que não vai prejudicar o filho, enquanto acusa todos os adversários sem qualquer prova. A vida toda Lula meteu rótulos em seus adversários, tratados como inimigos mortais, e nunca teve melindre de acusá-los das piores coisas com base em qualquer factóide. Mas, no caso do seu filho, tudo não passa de “ilação”.

Em outro tema espinhoso para o presidente, os entrevistadores quiseram saber o motivo do avanço do crime organizado no país e na Bahia, já que o PT controla o estado há vinte anos e está no comando do governo federal desde 2003, com

pequeno intervalo de Temer e Bolsonaro. Lula tergiversou, tentou fugir pela tangente, mas não foi capaz de apresentar um só argumento. Restou, então, afirmar que nenhum governador conseguiu enfrentar o problema. Ou seja, Lula quer ser reeleito admitindo que não sabe o que fazer para conter o crime organizado, que ele se recusa a classificar como terrorista. No único momento em que Lula disse a verdade, ele desdenhou da preocupação geral com o endividamento público, que está se aproximando de dez trilhões de reais, afirmando: “A dívida pública não me preocupa”. Isso todos podemos notar. E por isso mesmo os investidores estão tão apavorados e a taxa de juros não cai, mantendo-se no incrível patamar de 14% ao ano.

A dúvida inevitável que surge ao acompanhar uma entrevista dessas é a seguinte: como foi que

um sujeito desses foi eleito três vezes e ainda emplacou seu “poste” outras duas? Que tipo de país permite uma coisa dessas? O que isso diz sobre o Brasil, do ponto de vista moral e intelectual? Não é por acaso que o país vai tão mal em segurança pública, educação, saúde, transporte e crescimento. Como esperar algo diferente?



Autor: Rodrigo Constantino é economista pela PUC com MBA de Finanças pelo IBMEC, trabalhou por vários anos no mercado financeiro. É autor de vários livros, entre eles o best-seller “Esquerda Caviar” e a coletânea “Contra a maré vermelha”. Contribuiu para veículos como Veja, O Globo e Gazeta do Povo. Preside o Conselho Deliberativo do Instituto Liberal. **Os textos

do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Vorcaro adotava dupla blindagem para dificultar a recuperação das mensagens enviadas a Moraes. (Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado)

Investigação

Como a PF reconstruiu as mensagens secretas entre Vorcaro e Moraes

Por Camila Abrão

A Polícia Federal encontrou no celular de Daniel Vorcaro, dono do Banco Master, vestígios digitais

que permitiram identificar o envio de mensagens ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). O iPhone 17 Pro de Vorcaro foi apreendido pela PF em novembro do ano passado, quando ele foi preso pela primeira vez. O conteúdo da análise pericial do aparelho foi tornado público nesta semana pelo ministro André Mendonça. Segundo os peritos, Vorcaro adotava uma espécie de dupla blindagem para dificultar a recuperação das conversas.

Ele escrevia os textos no aplicativo “Notas”, fazia uma captura de tela e enviava a imagem pelo WhatsApp com a função de visualização única. Além disso, o contato usado para a comunicação estava configurado para apagar automaticamente as mensagens após 24 horas. A estratégia, contudo, deixou rastros no próprio iPhone. Os peritos utilizaram o software israelense Cellebrite

Reader para acessar o aparelho e identificaram que o sistema iOS gera automaticamente um arquivo em PDF quando o usuário faz uma captura de tela de um texto no aplicativo “Notas”. O documento reproduz o conteúdo exibido na tela e recebe um carimbo de data e hora correspondente ao momento da captura. Mesmo que a nota original seja apagada e a imagem enviada pelo WhatsApp seja configurada para visualização única, o PDF pode permanecer armazenado temporariamente na memória física do aparelho como vestígio da operação.

A PF organizou os arquivos extraídos com o Indexador e Processador de Evidências Digitais (IPED), software forense criado pela própria corporação. Foi dessa forma que os agentes recuperaram a íntegra dos textos redigidos por Vorcaro. A existência dos textos, porém, não seria

suficiente para provar que eles haviam sido enviados a Moraes. Para estabelecer essa ligação, a PF cruzou os arquivos recuperados com registros de atividade do próprio aparelho.

Os peritos analisaram os “Logs” do sistema, que registram eventos do sistema operacional, incluindo o momento em que uma mensagem é enviada pelo WhatsApp, e o banco de dados de “Uso de Aplicativos”, que registra os períodos de abertura e fechamento dos aplicativos e as capturas de tela realizadas. A análise revelou uma sequência temporal que se repetia nas comunicações e ocorria em poucos segundos: Vorcaro abria o aplicativo “Notas”, editava o texto, fazia uma captura de tela, gerava o PDF automaticamente e, logo depois, fechava o aplicativo e abria o WhatsApp. Na sequência, os registros apontavam a transmissão de um pacote

de dados para o terminal associado ao número que estava salvo no aparelho de Vorcaro como “Alexandre de Moraes BRASILIA”. Depois do envio, o WhatsApp era fechado.

Segundo a perícia, o intervalo entre a redação do texto e o envio da mensagem variava, em média, de 11 a 35 segundos. Ao todo, a Polícia Federal identificou 52 notas que seguiram esse mesmo padrão técnico. “Essa sequência ininterrupta de ações estabelece correlação entre a geração da imagem e o seu posterior envio a interlocutor específico”, afirmou a PF no relatório.



[Voltar ao índice](#)



Desde janeiro de 2023, grandes empresas de setores diversos tiveram desvalorização de até 99% em ações negociadas na B3 (Foto: Dall-E/Gazeta do Povo)

Até 99,99%

13 empresas brasileiras que derreteram na Bolsa nos últimos três anos

Por Célio Yano

A decretação da falência da Oi e os pedidos de recuperação judicial da Casas Bahia e

extrajudicial da Braskem, ocorridos neste mês, são apenas os casos mais recentes de empresas brasileiras que foram gigantes em seus setores, mas passaram a enfrentar graves crises financeiras nos últimos anos. Embora cada uma tenha razões particulares para chegar à situação trágica, em comum todas acumulam alto endividamento em um ambiente econômico de juros elevados, dificultando a rolagem de dívidas, a captação de novos recursos ou o financiamento de prejuízos.

Nesse grupo estão também várias outras empresas de ramos diversos, como Ambipar, Americanas, Azul, Gafisa, Gol, Infracommerce, Marisa, PDG, Raízen, Vivero e Sequoia Logística, cujo valor das ações negociadas na B3 recuou mais de 80% de janeiro de 2023 para cá – em alguns casos as perdas superam os 99%.

Para várias das companhias, a sobrevivência exigiu recuperações judiciais, renegociação com credores e grandes aumentos de capital, processos que, em muitos casos, preservaram a empresa, mas destruíram o valor para antigos acionistas.

Veja a seguir a lista das 13 empresas que mais perderam valor de janeiro de 2023 até agora:

1. Sequoia Logística

Ação: SEQL3

Preço Inicial: R\$ 586

Preço final: R\$ 0,07

Variação: -99,99%

A crise da companhia refletiu o peso de uma expansão acelerada e de operações deficitárias, especialmente no comércio eletrônico. A empresa passou por recuperação judicial e promoveu uma profunda reorganização, incluindo a saída do segmento B2C. Em 2026, os resultados passaram a mostrar melhora operacional e geração de caixa, mas o valor de mercado ainda carrega o legado da quase destruição do investimento dos antigos acionistas.

2. Gafisa

Ação: GFSA3

Preço Inicial: R\$ 283,20

Preço final: R\$ 0,22

Variação: -99,92%

A incorporadora atravessou os últimos anos em meio a sucessivas mudanças de estratégia, disputas societárias e dificuldades para transformar seu portfólio imobiliário em resultados consistentes. A forte diluição dos acionistas e o grupamento de ações também marcaram o período. Hoje, a empresa segue listada, tentando reorganizar suas operações e retomar o crescimento.

3. Azul

Ação: AZUL4/AZUL3

Preço Inicial: R\$ 20.600

Preço final: R\$ 19,05

Variação: -99,91%

O alto endividamento, agravado pela herança da pandemia e pelo custo financeiro em dólar,

tornou a estrutura de capital da companhia insustentável. A reorganização financeira envolveu conversões e uma profunda reestruturação societária, que diluiu drasticamente os antigos acionistas. A Azul continua operando sua malha aérea, mas a sobrevivência do negócio veio acompanhada de uma destruição quase total do valor das ações originais.

4. Gol

Ação: GOLL4/GOLL54

Preço Inicial: R\$ 6,88

Preço final: R\$ 0,01

Variação: -99,85%

A aérea entrou em recuperação judicial nos Estados Unidos em 2024, depois de anos

acumulando dívida e enfrentando forte pressão financeira. A reestruturação permitiu a continuidade das operações, mas transferiu grande parte do valor econômico para credores e novos investidores, deixando os antigos acionistas praticamente sem participação relevante. O desfecho foi a saída das ações da Bolsa após uma queda superior a 99%.

5. Americanas

Ação: AMER3

Preço Inicial: R\$ 903

Preço final: R\$ 4,92

Variação: -99,46%

A derrocada começou com a revelação, em janeiro de 2023, de inconsistências contábeis bilionárias

que desencadearam uma recuperação judicial e uma das maiores perdas de valor da história recente da Bolsa. A companhia sobreviveu graças a uma ampla reestruturação financeira e à capitalização conduzida pelos acionistas de referência. Ainda assim, o negócio continua em recuperação, com o mercado tratando a ação como um ativo de risco elevado.

6. Casas Bahia

Ação: VIIA3/BHIA3

Preço Inicial: R\$ 57,75

Preço final: R\$ 0,34

Variação: -99,41%

A varejista foi atingida pela combinação de juros elevados, forte endividamento e dificuldades para

gerar caixa em um ambiente de consumo mais fraco. Depois de sucessivas reestruturações financeiras e uma enorme desvalorização em Bolsa, a empresa voltou a enfrentar uma crise aguda em 2026, com um pedido de recuperação judicial para renegociar parte de uma dívida de cerca de R\$ 28 bilhões.

7. Ambipar

Ação: AMBP3

Preço Inicial: R\$ 20,34

Preço final: R\$ 0,16

Variação: -99,21%

A empresa cresceu rapidamente por meio de aquisições e chegou a ser uma das companhias brasileiras mais valorizadas do mercado. A

expansão agressiva, porém, elevou a preocupação com endividamento, governança e estrutura financeira, provocando uma violenta reprecificação das ações. A companhia continua operando, mas a confiança do mercado foi profundamente abalada e o papel passou a negociar em níveis muito inferiores aos observados no início de 2023.

8. Infracommerce

Ação: IFCM3

Preço Inicial: R\$ 62,80

Preço final: R\$ 1,78

Variação: -97,17%

A empresa de soluções para comércio eletrônico cresceu em ritmo acelerado durante o boom digital, mas enfrentou dificuldades quando o

mercado passou a exigir rentabilidade e geração de caixa. O alto consumo de recursos e a necessidade de reestruturar operações derrubaram a confiança dos investidores. A companhia segue tentando ajustar custos e buscar um modelo mais sustentável, depois de uma perda de valor que se aproximou da destruição quase total do investimento inicial.

9. Viveo

Ação: VVEO3

Preço Inicial: R\$ 15,80

Preço final: R\$ 0,72

Variação: -95,44%

A distribuidora de produtos para a área de saúde sofreu com o aumento das despesas financeiras, pressão sobre margens e dificuldades para digerir

uma estratégia de crescimento baseada em aquisições. O elevado endividamento tornou-se um dos principais focos de preocupação do mercado. A empresa continua em operação e busca reduzir a alavancagem e recuperar a rentabilidade, mas suas ações permanecem muito abaixo dos níveis de 2023.

10. Oi

Ação: OIBR3

Preço Inicial: R\$ 1,70

Preço final: R\$ 0,10

Variação: -94,12%

A companhia já iniciou 2023 fragilizada depois de anos de endividamento e de uma primeira recuperação judicial. A segunda tentativa de

reestruturação incluiu novas vendas de ativos, mas não foi suficiente para resolver sua crise financeira. Nesta semana, a Justiça manteve a conversão da recuperação judicial em falência, enquanto os serviços essenciais seguem em operação durante a transição.

11. Raízen

Ação: RAIZ4

Preço Inicial: R\$ 3,54

Preço final: R\$ 0,23

Variação: -93,50%

A companhia foi pressionada pela elevada dívida, por investimentos pesados e por resultados operacionais aquém das expectativas em alguns de seus principais negócios. A deterioração

financeira levou a uma ampla reestruturação, que incluiu negociações com credores e um plano de recuperação extrajudicial, homologado em 2026. A empresa segue operando, mas a recuperação da confiança dos acionistas dependerá da execução do plano e da redução da alavancagem.

12. PDG Realty

Ação: PDGR3

Preço Inicial: R\$ 15

Preço final: R\$ 1,30

Variação: -91,33%

Símbolo da crise das incorporadoras da década passada, a PDG já chegou a entrar em recuperação judicial antes do período analisado. Desde então, sua história em Bolsa tem sido

marcada por reestruturações, venda de ativos e tentativas de reorganizar um negócio drasticamente menor. A empresa permanece listada, mas a cotação extremamente baixa reflete tanto o histórico de dificuldades quanto a enorme diluição acumulada pelos acionistas.

13. Marisa

Ação: AMAR3

Preço Inicial: R\$ 6,25

Preço final: R\$ 0,71

Variação: -88,64%

A varejista enfrentou queda nas vendas, margens pressionadas e uma pesada estrutura de dívida, entrando em recuperação judicial em 2023. A reestruturação financeira permitiu que a

companhia continuasse operando e buscasse recuperar o negócio, mas a forte diluição e a perda de confiança deixaram marcas profundas no valor de mercado. A Marisa segue com sua rede de lojas em funcionamento e tenta reconstruir a operação após a crise.

Tabela: ações de empresas que “derreteram”

Empresa	Ação	Preço inicial*	Preço final**	Variação***
Sequoia Logística	SEQL3	R\$ 586,00 (1)	R\$ 0,07	-99,99%
Gafisa	GFSA3	R\$ 283,20 (2)	R\$ 0,22	-99,92%
Azul	AZUL4/AZUL3	R\$ 20.600,00 (3)	R\$ 19,05	-99,91%
Gol	GOLL4/GOLL54	R\$ 6,88 (4)	R\$ 0,01	-99,85%
Americanas	AMER3	R\$ 903,00 (5)	R\$ 4,92	-99,46%
Casas Bahia	VIIA3/BHIA3	R\$ 57,75 (6)	R\$ 0,34	-99,41%
Ambipar	AMBP3	R\$ 20,34	R\$ 0,16	-99,21%
Infracommerce	IFCM3	R\$ 62,80 (7)	R\$ 1,78	-97,17%
Viveo	VVEO3	R\$ 15,80	R\$ 0,72	-95,44%
Oi	OIBR3	R\$ 1,70 (8)	R\$ 0,10	-94,12%
Raízen	RAIZ4	R\$ 3,54	R\$ 0,23	-93,50%
PDG Realty	PDGR3	R\$ 15,00 (9)	R\$ 1,30	-91,33%
Marisa	AMAR3	R\$ 6,25 (10)	R\$ 0,71	-88,64%

* Os preços iniciais referem-se ao valor correspondente de cada ação no fechamento do pregão de 2/1/2023 (primeiro dia útil do ano) ajustado retroativamente por eventos societários ocorridos desde então, de modo a refletir a variação real para o acionista (ver 'notas metodológicas').

** Os preços finais referem-se ao valor das ações no fechamento do pregão de 27/08/2026, com exceção da Oi, para a qual foi utilizado o fechamento de 24/08/2026, quando foram suspensas as negociações por falência; e da Gol, para a qual foi utilizado o fechamento de 27/03/2026, quando a empresa saiu da B3.

Notas metodológicas

1. **SEQL3:** o papel passou por dois grupamentos, de 20 ações para 1 e, posteriormente, de 10 para 1. O efeito acumulado foi de 200 ações antigas para uma ação na estrutura atual.
2. **GFSA3:** o preço de 2023 foi ajustado pelo grupamento de 20 ações para uma.
3. **AZUL4/AZUL3:** as ações preferenciais foram convertidas em ordinárias e, depois, as ações resultantes passaram por grupamento. Pela cadeia de eventos utilizada, 2 mil títulos AZUL4 de 2023 equivalem a um AZUL3 após a reorganização.
4. **GOLL4/GOLL54:** o ticker GOLL54 substituiu o antigo GOLL4 após processos de

reestruturação da empresa. Foi utilizado o valor do último fechamento de GOLL54 antes da saída da empresa da B3, em 27 de março de 2026.

5. **AMER3:** o valor de janeiro de 2023 foi ajustado pelo grupamento de 100 ações para uma realizado posteriormente.

6. **VIIA3/BHIA3:** além da mudança de ticker, a companhia realizou um grupamento de 25 ações para uma, exigindo o ajuste do preço inicial.

7. **IFCM3:** o preço inicial foi ajustado pelo grupamento de 20 ações para uma.

8. **OIBR3:** o preço inicial foi ajustado pelo grupamento de 10 ações para uma. Foi utilizado o valor do último fechamento antes da suspensão das negociações, em 24 de agosto de 2026. O percentual não representa necessariamente o valor final que eventualmente poderá ser recuperado pelos acionistas no processo de liquidação.

9. **PDGR3:** o valor de janeiro de 2023 foi ajustado pelo grupamento de 125 ações para uma.

10. **AMAR3:** o preço inicial foi ajustado pelo grupamento de cinco ações para uma.



[Voltar ao índice](#)



Iryna Terekh, de 34 anos, comanda a Fire Point, fabricante ucraniana de drones e mísseis de longo alcance. (Foto: Kanal13/Wikimedia Commons)

Iryna Terekh

Quem é a jovem por trás da fabricação dos drones e mísseis da Ucrânia

Por John Lucas

Aos 34 anos, Iryna Terekh comanda uma das principais empresas privadas de defesa da

Ucrânia. Ex-empresária dos setores de arquitetura, construção e mobiliário urbano, Terekh é CEO e diretora de tecnologia da **Fire Point**, fabricante de drones e mísseis usados por Kiev em ataques de longo alcance contra alvos dentro da Rússia. Criada após a invasão em larga escala da Ucrânia ordenada pelo ditador Vladimir Putin em fevereiro de 2022, a Fire Point deixou de ser uma pequena fabricante de drones e outros equipamentos militares para **se tornar uma das principais empresas privadas do setor de defesa do país**, com milhares de funcionários e dezenas de unidades de produção espalhadas pelo território ucraniano.

Terekh entrou para a empresa em 2023, inicialmente para comandar a linha de produção. O convite partiu do fundador da Fire Point, o engenheiro e físico Denys Shtilerman, que

precisava transformar os projetos e protótipos da empresa desenvolvidos em meio à guerra em equipamentos capazes de serem fabricados em larga escala.

Antes de entrar na empresa, Terekh levava uma vida profissional distante da indústria militar. Ela havia construído sua carreira nos setores de arquitetura, construção e mobiliário urbano, administrando uma empresa que produzia bancos, vasos, pias e outras estruturas destinadas a espaços públicos. Também participou de projetos de desenvolvimento urbano em Kiev.

Terekh estudou arquitetura na Universidade Nacional de Construção e Arquitetura de Kiev, mas deixou o curso antes de concluí-lo. Na época, já administrava seus próprios negócios e

conciliava a vida profissional com a criação dos filhos. Poucos dias depois do início da invasão russa, Terekh foi buscar a mãe, que morava perto de Bucha, ao norte de Kiev. Durante a tentativa de deixar a região, o carro em que as duas estavam foi atingido por disparos, obrigando-as a retornar para a cidade e se esconder enquanto forças russas avançavam pela área. A experiência vivida em Bucha, segundo ela, mudou sua visão sobre a guerra e sobre o papel que poderia desempenhar na defesa do país.

Ao The Wall Street Journal, Terekh afirmou que jamais teria entrado para a indústria de armamentos se a Ucrânia não tivesse sido invadida pela Rússia.

Do planejamento urbano para a fabricação de drones e mísseis

Quando Terekh chegou à Fire Point, a empresa ainda possuía uma operação pequena. Segundo relato da própria executiva à imprensa internacional, a companhia tinha apenas 18 funcionários em 2023. Inicialmente, Shtilerman, o fundador, se concentrava principalmente no desenvolvimento dos equipamentos da empresa, enquanto Terekh passou a trabalhar na organização da produção. Sua função, contudo, logo foi ampliada.

Terekh assumiu funções mais amplas e passou a acumular os cargos de diretora de tecnologia e CEO da Fire Point. Com isso, deixou de atuar apenas na organização da produção e passou também a participar mais diretamente do

desenvolvimento dos armamentos e da estratégia tecnológica da companhia. Ela começou a estudar o funcionamento de mísseis, consultou antigos manuais soviéticos e buscou ajuda de especialistas para aprofundar seus conhecimentos técnicos. A experiência adquirida anteriormente com materiais e fabricação também passou a ser utilizada na indústria de defesa.

Foi Terekh quem propôs uma mudança no processo de fabricação da Fire Point que reduziu de seis dias para aproximadamente duas horas e meia o tempo necessário para produzir uma asa de drone. A capacidade de Terekh de simplificar projetos e acelerar a produção se tornou uma das bases da expansão da Fire Point. A mudança proposta por Terekh foi aplicada na produção do drone de ataque de longo alcance FP-1,

atualmente um dos principais produtos da Fire Point, utilizado pela Ucrânia contra alvos dentro da Rússia. Quando Shtilerman concluiu o projeto do drone, Terekh avaliou que o método de produção inicialmente previsto não era adequado à fabricação em massa. A partir de sua experiência com materiais e processos industriais, Terekh propôs uma nova forma de fabricar as asas do FP-1, o que reduziu o tempo necessário para produzir cada uma delas de seis dias para cerca de duas horas e meia.

Segundo a companhia, o FP-1 tem alcance de aproximadamente 3.380 quilômetros e vem sendo empregado em ataques ucranianos contra refinarias, centros logísticos e outras instalações estratégicas em território russo. A Fire Point também produz drones da família FP-2, destinados a operações de menor alcance.

Segundo dados compilados pela emissora CNBC, a companhia ucraniana fabricou cerca de 200 drones em seu primeiro ano. Desde então, sob o comando de Terekh, a escala aumentou de forma acelerada. Em entrevista à CNBC, ela afirmou que a Fire Point já possui capacidade para desenvolver mais de 100 mil drones ao longo deste ano. A empresa também já emprega mais de 7 mil pessoas. A executiva disse que os equipamentos da Fire Point já participam de mais de 60% dos chamados ataques profundos realizados pela Ucrânia contra a Rússia, operações destinadas a atingir alvos a grandes distâncias da linha de frente.

Além dos drones, a Fire Point, sob o comando executivo de Terekh, também passou a investir no desenvolvimento de mísseis de cruzeiro.

Atualmente, o principal projeto da empresa neste setor é o **míssil FP-5, conhecido como Flamingo**. Terekh é uma das figuras por trás do desenvolvimento do armamento. Segundo as especificações do míssil divulgadas pela companhia, o Flamingo pesa aproximadamente seis toneladas, transporta uma ogiva de cerca de 1.150 quilos e possui alcance máximo declarado de até 3 mil quilômetros.

O apelido do míssil surgiu durante os testes. Em 2024, protótipos do FP-5 foram pintados com cores fortes para facilitar a localização dos fragmentos depois dos lançamentos. Quando um deles recebeu pintura rosa, alguns funcionários fizeram uma brincadeira com Terekh, dizendo que aquilo era o que acontecia quando uma mulher assumia o comando de uma empresa de

defesa. O míssil acabou ficando conhecido como Flamingo.

O armamento ampliou a capacidade da Ucrânia de realizar ataques de longo alcance com uma carga explosiva muito superior à transportada pelos drones da Fire Point. O Flamingo já foi utilizado em uma operação ucraniana contra uma fábrica russa de componentes militares na cidade russa de Cheboksary, percorrendo cerca de 1.800 quilômetros devido à complexidade da rota utilizada.

Segundo Terekh, a capacidade de produção da Fire Point já chegou a cerca de 100 mísseis Flamingo por mês. Cada unidade custa cerca de US\$ 600 mil (cerca de R\$ 3,1 milhões).

A empresa também está desenvolvendo outros projetos de mísseis e trabalha neste momento também na criação de sistemas de defesa aérea. Terekh disse que um dos objetivos da empresa neste momento é o desenvolvimento de interceptadores de mísseis balísticos que possam ser produzidos por uma fração do custo dos sistemas Patriot usados atualmente pela Ucrânia.

A Fire Point passou a enfrentar nos últimos meses acusações de ter recebido tratamento preferencial do governo ucraniano na concessão de contratos públicos de defesa. As suspeitas ganharam força depois que o Escritório Nacional Anticorrupção da Ucrânia, o NABU, abriu uma investigação para apurar se a empresa teria inflado os custos de componentes usados na fabricação de seus armamentos e se teria informado ao Ministério da Defesa uma

quantidade de drones superior à efetivamente fornecida.

A investigação também passou a examinar possíveis vínculos entre a Fire Point e Timur Mindich, empresário que foi sócio do presidente Volodymyr Zelensky. A companhia confirmou a existência da investigação, mas negou as acusações. Terekh rejeitou a tese de favorecimento do governo, afirmando que a Ucrânia precisava naquele momento de produção em larga escala de equipamentos militares, por isso fechou contratos com a empresa, e que a Fire Point aceita auditorias, fiscalização e mecanismos de transparência externos. Apesar da rápida expansão da companhia, os drones e mísseis da Fire Point ainda não são vendidos regularmente a outros países. A demanda provocada pela guerra faz com que a produção

permanença destinada às necessidades militares da própria Ucrânia. Terekh, porém, já fala abertamente sobre uma futura atuação internacional da empresa ucraniana. “A Ucrânia, em uma economia do pós-guerra, precisará ser uma exportadora de produtos com alto valor agregado. Não queremos mais ser apenas o celeiro do mundo”, afirmou em entrevista ao jornal The Guardian. Ao mesmo tempo, a executiva se tornou uma das principais representantes da Fire Point no mercado internacional, participando de feiras e fóruns de defesa ao redor do mundo e apresentando a potenciais parceiros os drones, mísseis e sistemas desenvolvidos pela companhia.

A Fire Point já relata forte interesse de países europeus em receber linhas de produção da empresa. Terekh, no entanto, criticou os entraves

regulatórios enfrentados pela empresa ucraniana para avançar com esses projetos na Europa. “A burocracia europeia é uma ameaça maior à defesa da Europa do que os russos”, afirmou a executiva. “Com os russos, você pode lidar com mísseis e drones, mas como se luta contra a burocracia europeia?”. A empresa começou a desenvolver recentemente uma estrutura industrial na Dinamarca para produzir combustível sólido utilizado nos mísseis Flamingo. O projeto recebeu tratamento especial das autoridades dinamarquesas, que removeram mais de 20 obstáculos regulatórios para permitir a instalação da fábrica.



[Voltar ao índice](#)



Rico em antioxidantes, o jambo é nativo da Ásia e mais cultivado no Norte e Nordeste do Brasil. (Foto: Sharon Barcelos Carvalho/Spritzbear Sítio Panc)

Arsenal de vitaminas

A fruta asiática que se adaptou ao Brasil e que ajuda a combater o envelhecimento

Por Bruno Maffi

Famoso nas regiões Norte e Nordeste do Brasil pela beleza de sua florada e pelo sabor adocicado,

o jambo — fruta de origem asiática adaptada ao clima brasileiro — atrai a atenção da ciência nacional pelas propriedades medicinais e nutricionais. O jambeiro (*Syzygium malaccense*) pertence à mesma família botânica da goiaba e da jabuticaba. De acordo com pesquisadores, o seu fruto guarda um poderoso arsenal de vitaminas. São fibras e antioxidantes com potencial de combater os radicais livres e frear o envelhecimento precoce das células.

Além do uso tradicional no paisagismo urbano e na culinária, pesquisas recentes de universidades brasileiras associam os extratos do vegetal ao controle do diabetes, à proteção do sistema nervoso e à prevenção de marcadores do Alzheimer. "O jambo é rico em vitaminas A, C e complexo B, além de minerais como ferro, cálcio e fósforo. Suas propriedades incluem ação

antioxidante, antidiabética, adstringente e diurética. A casca e a polpa ajudam a proteger os vasos sanguíneos, combater radicais livres e auxiliar na digestão", explica o biólogo Valdely Kinupp, especialista em Plantas Alimentícias Não Convencionais (Pancs).

Jambo é destaque no Norte e Nordeste com variedades de cores

De acordo com o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), o jambeiro é uma planta exótica, originária do continente asiático, especificamente da Índia e da Malásia. Seu cultivo é comum em estados como Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Alagoas. A árvore atinge portes que variam de 10 a 20 metros de altura. No período de agosto a fevereiro, ocorre a florada. O processo cobre a árvore com flores brancas, de

cor creme ou rosas, formadas por inflorescências de pétalas arredondadas em forma de capuz.

Já a colheita dos frutos transcorre de janeiro a maio. Segundo o IBF, o jambo possui variedades de cores vermelha, rosa, branca e amarela. A opção vermelha apresenta casca fina, formato robusto e sabor doce com leve acidez. A variedade branca exhibe sabor mais suave e menor teor de açúcar.

Flor de jambeiro pode ser congelada e folhas ajudam a controlar o diabetes

Knupp explica que o jambo se enquadra em uma categoria especial de alimentos devido ao seu uso restrito no cotidiano. "A espécie é considerada uma plantas alimentícia não convencional. Se o consumo do fruto já não é corriqueiro, o das

flores e folhas comestíveis é ainda mais ignorado. Elas podem enriquecer saladas, caipirinhas, sucos e até o arroz", elenca.

O especialista ressalta que a flor do jambeiro possui uma resistência incomum, podendo ser congelada sem perder a estrutura. "É uma das poucas flores do planeta que podem ser armazenadas em saquinhos ou potinhos no freezer mantendo um visual surpreendente para o momento de servir", afirma. Knupp destaca ainda as propriedades medicinais da planta. "Com propriedades protetoras surpreendentes, a folha ajuda no controle e tratamento do diabetes mellitus graças à ação anti-hiperglicêmica. E há quem brinque que o uso na caipirinha é quase um brinde à saúde, devido ao seu potencial hepatoprotetor, ou seja, de regeneração das células do fígado."

Pesquisa da Unicamp indica benefícios do jambo à saúde

Uma pesquisa de doutorado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) conduzida por Ângela Giovana Batista avaliou os benefícios do jambo à saúde. A cientista secou a casca e a polpa da fruta e misturou o ingrediente na ração de camundongos sob dietas com pouca e muita gordura. “Em testes anteriores detectamos compostos importantes para a saúde, como fibras alimentares, e compostos antioxidantes, como as antocianinas (pigmento vermelho, natural de algumas plantas) e taninos”, destaca Ângela. De acordo com a pesquisadora, o tratamento de dez semanas melhorou a capacidade dos animais de processar o açúcar no sangue, reduziu inflamações corporais e aumentou as defesas contra o envelhecimento celular.

Em um teste de memória em piscina com saída oculta, os roedores que comeram jambo nadaram direto para o local correto, enquanto os outros ficaram perdidos. “Os animais que consumiram as frutas mostraram assim melhor desempenho de aprendizado e memória”, reforça ela. Os exames comprovaram que o cérebro dos camundongos alimentados com a fruta aproveitou melhor a insulina na região que controla o aprendizado. A pesquisadora explica que esse funcionamento correto protege os neurônios e evita o desgaste mental. “Além disso, a maior sensibilidade à insulina no hipocampo está ligada à prevenção de marcadores da doença de Alzheimer”, enfatiza.



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- Constantino: O estilo de Bukele contra a bandidolatria ganha apoio de três candidatos à Presidência
- Gordon: O espião que veio do frio (e ninguém quis ver): mais uma historieta da Guerra Fria
- O que o Brasil fez com o avião histórico deixado para trás pelo porta-aviões americano Nimitz
- Quem é o ex-banqueiro cotado para ser ministro da Fazenda de Flávio Bolsonaro
- Quem é e de onde veio Roberta Luchsinger, a amiga íntima de Lulinha
- Quem são os bilionários que estão financiando os socialistas e progressistas nas eleições dos EUA

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Daliane Nogueira e Marcela Mendes. Apoio: Jessica Lopes da Silva dos Reis. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice